

Caroline Darian

filha de **Gisèle Pelicot**

**EU NUNCA
MAIS VOU
TE CHAMAR
DE PAI**

**Transformando o
trauma familiar em
uma luta coletiva**



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Caroline Darian
filha de Gisèle Pelicot

EU NUNCA MAIS VOU TE CHAMAR DE PAI

**Transformando o
trauma familiar em
uma luta coletiva**

Tradução
Caroline Donadio



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Jean-Claude Lattès, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Caroline Donadio, 2025
Todos os direitos reservados.

Preparação: Caroline Silva

Revisão: Ana Maria Fiorini e Fernanda Guerriero Antunes

Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira

Capa: Renata Spolidoro

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Darian, Caroline

Eu nunca mais vou te chamar de pai / Caroline Darian ; tradução de Caroline Donadio. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
192 p.

ISBN 978-85-422-3649-1

Título original: Et j'ai cessé de t'appeler papa

1. Darian, Caroline – Autobiografia 2. Vítimas de abuso sexual – Narrativas pessoais 3. Crimes sexuais – França I. Título II. Donadio, Caroline

25-1772

CDD 364.153

Índice para catálogo sistemático:

1. Darian, Caroline – Autobiografia



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi
composto em Rufina
e impresso pela Lis
Gráfica para a Editora
Planeta do Brasil
em maio de 2025.

**Domingo,
1º de novembro
de 2020**

Amanhã, meu filho Tom, de 6 anos e meio, deverá usar máscara na escola. Então, repetimos o gesto. Uma vez, duas vezes, dez vezes.

Posto uma foto dele com a máscara no meu Facebook. Imediatamente, meu pai comenta: “Ah, meu Tonzinho. Boa sorte nessa volta às aulas meio diferente. Do vovô que te ama”.

Ainda não sei, mas é a última conversa com meu pai.

Nessa época, como é minha vida? Tenho 42 anos, uma profissão pela qual sou apaixonada, um marido, um filho, uma casa. Em outras palavras: uma vida simples, que desconhece terremotos. Uma vida privilegiada. Ainda tenho essa inocência dos dias que passam sem dificuldades. O amanhã é uma promessa, nunca uma ameaça. Minha vida gira em torno do meu marido, meu filho, meu trabalho, minhas atividades, meus pais, meus irmãos e amigos. Tudo absolutamente trivial.

Mas ninguém sabe o valor do trivial até perdê-lo.

**Segunda-feira,
2 de novembro
de 2020**

Deixo Tom no portão da escola bem na hora. Beijo-o com carinho. Volto para casa, faço um café, me conecto. Na agenda, reunião, reunião, reunião. Videochamadas até não acabar mais.

nh. Meu marido chega. Paul trabalha no contra-turno. Ele manda um SMS para o meu pai: “Acabei de descobrir o percurso do Tour de France de 2021. Vamos combinar um programa em família: no próximo dia 7 de julho, você leva seu neto para as estradas do Monte Ventoux, ok?”. Ele faz um almoço rápido e tira um cochilo.

Ao acordar, vê duas chamadas perdidas de números fixos de Vaucluse.

É aqui que tudo muda. Uma mensagem telefônica, parecida com os avisos que um hospital manda para as famílias. Normalmente, um ponto de virada tem uma voz, um rosto. O anúncio de uma tragédia sempre vem com um corpo. Por toda a vida, vamos nos lembrar da voz ou do rosto do emissário da dor. Também vamos nos lembrar,

com detalhes, do que estávamos fazendo exatamente *antes*.

Meu ponto de virada me pegou de ricocheteio. Foi meu marido que, primeiro, foi pego em cheio pela notícia. Paul ouve a primeira mensagem deixada pela minha mãe: “Sou eu, é urgente. É sobre o Dominique. Me liga de volta, por favor”.

Dominique, meu pai, pesa mais de cem quilos e tem problemas respiratórios.

Então, naturalmente, em plena crise da covid-19, Paul já imagina que ele está na UTL. Mas a outra mensagem é de um tenente da polícia local da segurança de Carpentras. Paul retorna primeiro para minha mãe:

“Mas o que está acontecendo?”

“Dominique vai ser preso. Ele foi pego em flagrante, no supermercado, filmando por baixo da saia de três mulheres. Ele foi colocado sob custódia policial por quarenta e oito horas, depois solto. Enquanto isso, a polícia revistou seu celular, vários chips, sua câmera e seu notebook. Os fatos são muito mais graves.”

Se minha mãe decide ligar para Paul antes de mim é porque ela ainda não tem forças para contar a qualquer um de seus três filhos. Ela também sabe que pode confiar nele. Paul é forte o suficiente para ouvir esse tipo de notícia.

Eles entram em acordo. Minha mãe vai me ligar primeiro, e na presença de Paul.

Um pouco atordoado, meu marido retorna a ligação do tenente de polícia. O último golpe.

“Encontramos vídeos que mostram sua sogra adormecida, claramente dopada, com homens abusando dela.”

Essas palavras soam estranhas. Abrem um buraco assustador. Paul é levado para uma outra dimensão, aquela das notícias impensáveis exibidas nas mídias e que, até o momento, traçavam uma fronteira entre o abominável e nossas vidas, que pertenciam ao mundo de *antes*.

Impassível, o tenente fornece as informações que cavam, uma de cada vez, o buraco do impossível, colocando-o em nossas existências.

Essas agressões sexuais acontecem, pelo menos, desde setembro de 2013, data das primeiras fotos que os investigadores retiraram dos diferentes dispositivos de meu pai. O número de agressores é espantoso: “Setenta e três, até o momento. Até agora, identificamos uns cinquenta. Eles têm entre 22 e 71 anos, de todas as classes sociais, estudante, aposentado, até um jornalista. Seu sogro organizava, fotografava e filmava todos os atos. Eu mesmo tive muita dificuldade em ver esses vídeos. E estamos longe de terminar a análise”.

A equipe policial vem trabalhando no caso dia e noite há um mês e meio. Os investigadores temiam pela vida de minha mãe. Essa quantidade de drogas

para alguém que vai fazer 68 anos... O tenente conclui: “Tome conta dela. Ela vai precisar de apoio.”

Paul só tem uma ideia em mente. Sair. Fugir de casa. Ele sabe que só me restam algumas horas antes de ser catapultada para outro mundo. Imóvel atrás da tela do meu computador, nem mesmo o percebo passando por mim e saindo de casa.

No carro, Paul liga para sua irmã Véronique, madrinha de Tom. Pede sua ajuda naquela noite mesmo. Planejam um estratagema para não despertar minhas suspeitas.

Percebo que meu filho e meu marido voltaram da escola depois que meu dia de maratona acaba, quase às 19h. Proponho-lhes jantar comida japonesa e, justo quando estou saindo de casa, a campainha toca. Véronique! Alegre, sorridente e calorosa como sempre.

“Estava passando pela região.”

Tom pula em seus braços. Corro para o restaurante japonês. No carro, telefono para minha mãe, que estranhamente recusa a chamada. Tenho um mau pressentimento.

Retorno do restaurante. Deixo as bolsas na mesa da sala de jantar. Escuto meu filho rir com sua madrinha. Esses ruídos do dia a dia ainda não são sons do passado.

Na cozinha, Paul me olha, o rosto sério. Ele pede que eu me sente.

Meu celular toca. Finalmente, minha mãe está me ligando de volta! São exatamente 20h25 no relógio do forno da cozinha, que vejo atrás de Paul.

Mais tarde saberei que, com frequência, as pessoas que passam por um choque traumático se lembram apenas de um único detalhe, um cheiro, um barulho, uma sensação, qualquer coisa ínfima que se tornará enorme.

Eu, nesse momento, vejo o relógio do forno. São 20h25 em números brancos. Uma fronteira numérica. Meu nome é Caroline Darian e estou vivendo os últimos segundos de uma vida normal.

Ainda ouço a voz trêmula de mamãe. Ela me pergunta se cheguei em casa e se estou com Paul. Ela insiste. Certifica-se de que estou sentada e em um lugar tranquilo para ouvir o que ela tem para anunciar.

“Carol, seu pai está sob custódia desde hoje cedo e não poderá sair. Ele vai ser preso.”

Tremo, não entendo bem o que ela está me dizendo.

“Seu pai me sedava com soníferos e ansiolíticos.”

“Mas, mamãe, do que é que você está falando?”

“E não é só isso. Seu pai também levava homens para casa quando eu estava inconsciente no quarto. Vi várias fotos minhas. Dormindo, deitada de bruços e na minha cama, a cada vez acompanhada de homens diferentes, todos desconhecidos.”

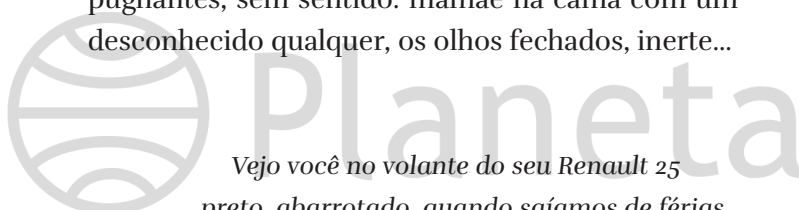
Perco a cabeça. Grito, xingo meu pai. Vou quebrar tudo.

“Carol, é verdade. Tive que ver muitas fotos na delegacia. Achei que meu coração ia parar de bater. O tenente deixou claro que também existem diversos vídeos de meus abusos. Ele quis que eu assistisse a um deles, mas eu lhe disse que as fotos já eram insuportáveis o suficiente. Ele me disse: ‘Desculpe-me, senhora, mas o que seu marido fez é monstruoso.’”

Ela cai no choro.

Paul me abraça.

As imagens na minha mente se misturam, repugnantes, sem sentido: mamãe na cama com um desconhecido qualquer, os olhos fechados, inerte...

A logo for 'Planeta' is centered in the background. It features a stylized globe icon to the left of the word 'Planeta' in a large, light gray, sans-serif font.

Vejo você no volante do seu Renault 25 preto, abarrotado, quando saíamos de férias. Você fazia piadas, colocava Barry White e marcava o tempo com a cabeça, cantando o refrão, tão animado quanto nós, as crianças, amontoadas no banco de trás. Essa imagem feliz acabou de se espatifar. Agora você é o organizador de orgias, e também um tremendo mentiroso: mamãe me conta do último café da manhã de vocês, totalmente normal. Quão dissimulado é preciso ser para encenar essa tranquilidade por todos esses anos?

Mamãe desliga; agora ela precisa ligar para David, meu irmão mais velho, depois para Florian, nosso caçula.

Desabo. Aninhada em meu marido, estou arrasada. Não consigo respirar direito.

Meu pai drogou minha mãe antes de submetê-la a estupros por desconhecidos. Essa frase é surreal. É tão violenta que só consigo captar partes dela, como se pedaços de uma pedra atravessassem minha consciência, sem que eu consiga entender exatamente a profundidade do estrago. E se uma overdose tivesse matado mamãe? E se ela não tivesse acordado? Essa atrocidade acontece desde que eles foram morar em Vacluse, há quase oito anos, quando mamãe se aposentou.

Quanto a mim, nada vi, nem entendi. Ela também não. Nenhum vestígio, nem mesmo uma pequena lembrança.

Tudo foi esquecido pela frequência das minuciosas doses de medicamentos que meu pai lhe administrava. Relembro nossas conversas no telefone, quando mamãe estava confusa, parecendo divagar. Essas ausências eram inquietantes. Nós, seus três filhos, vivemos a mais de setecentos quilômetros dela. Nós inclusive tínhamos pensado em início de Alzheimer. Meu pai minimizava, dizendo: “Sua mãe não se poupa, não para quieta, é superativa, é o jeito dela de lidar com o estresse”.

Em 2017, incentivamos mamãe a marcar uma consulta com um neurologista em Carpentras. Esse primeiro especialista falou de uma amnésia global transitória, parecida com um buraco negro, uma perda de memória sem sequelas. Não sabíamos, e é bastante difundido entre os especialistas de neurologia, que uma pessoa nunca tem múltiplos episódios desse tipo de amnésia.

No outono de 2018, meu tio, clínico geral aposentado, mencionou um mecanismo de compensação: “Para evitar que queime, o aspirador de pó para de funcionar quando o saco está cheio; da mesma forma, você desliga e recarrega suas baterias”. Nós todos acreditamos nessa hipótese. Mesmo assim, mamãe fez um exame de imagem, evidentemente sem resultado. Como poderíamos ter pensado em um exame toxicológico?

Mas, com o tempo e o aumento contínuo de seus lapsos de memória, mamãe estava sempre preocupada. Andava tendo insônias recorrentes, perdendo os cabelos, emagrecendo – perdeu mais de dez quilos em oito anos. Ela vivia com medo de ter um AVC e ficava apreensiva quando cuidava dos netos ou pegava o trem para me visitar na região parisiense.

Por esse motivo, mamãe aos poucos parou de dirigir. Foi perdendo cada vez mais sua autonomia.

Em 2019, mamãe foi consultar um outro neurologista em Cavaillon, que colocou esses sinais na

conta da ansiedade e lhe prescreveu melatonina para melhorar a qualidade do sono.

Preciso encontrá-la. Não posso deixá-la sozinha em Vacluse, naquela casa que foi palco de tantas atrocidades.

Paul cuida de tudo.

Preciso sair, ligar para meus irmãos. Quando David atende, percebo pela sua voz que ele ainda não sabe de nada. Sem querer, passo na frente de mamãe. Me odeio. Decido ir direto ao ponto.

David fica em silêncio. Ele demora uns dez segundos para assimilar minhas palavras e conseguir falar alguma coisa em voz alta:

“Mas... não é possível. Carol, você está brincando?”

Ele me faz perguntas, mas não tenho todas as respostas. Queria poder acalmá-lo um pouco. Sinto-o se contraindo. Ele desliga para ligar para mamãe.

Quando finalmente consigo ligar para Florian, nosso irmão mais novo, ele já falou com minha mãe no telefone. Está atônito: “Como ele pôde fazer uma coisa dessas com mamãe? E a gente? Ele pensou na gente?”.

Choro igual criança.

Florian me fala de toda sua raiva e amargura ao se lembrar do verão de 2018. Ele menciona o último jantar deles, na noite em que iam partir, depois de passar vários dias na casa dos meus pais com suas duas filhas. Ele e sua esposa tinham testemunhado

uma cena preocupante. Poucos minutos depois de se sentar à mesa, mamãe apagou. Seu cotovelo caiu. Ela vacilou na cadeira, como se estivesse embriagada. De repente toda vitalidade de seu corpo se esvaiu, ficou como uma boneca de pano.

“Ainda não consigo descrever como todos os membros dela ficaram caídos, Carol. Falávamos com ela, mas era como se estivesse hipnotizada. Imóvel e mole, o olhar vazio. Ela não respondia mais.”

Meu pai decidiu colocá-la na cama: “É melhor. Acontece de vez em quando, quando se sobrecarrega”.

Na verdade, era o coquetel de medicamentos que ele lhe dera na copa, na sua taça de vinho rosé, que estava começando a fazer efeito.

Naquela noite, meu pai atribuiu a responsabilidade por esse mal-estar a Florian e sua família, que terminaram por pegar a estrada de volta para casa.

Desligo. Preciso dar duas voltas no quarteirão.

Não faz nem cinco graus nessa noite, no entanto estou queimando de ódio. Paul me acompanha.

Ele resolve convencer meus irmãos a partirem comigo no primeiro trem da manhã seguinte. Ele os consola como pode: “A vida é muito maior, vocês três precisam estar próximos da mãe de vocês, e o mais rápido possível”.

Ele insiste: “Vocês precisam estar juntos. Não dá para passarem por esse momento sozinhos, cada um num canto”.

Também alerta: “Vocês vão precisar ser corajosos e ficar unidos, porque isso é só começo, ainda não sabemos tudo”.

Aviso meus superiores e tiro alguns dias de licença. É hora de deitar. Preciso de Paul e do meu filho. Acabo adormecendo, a mão do meu filho entrelaçada na minha.

